

QUEM VAI GANHAR O CORAÇÃO DELA?



A young woman with dark hair and blue eyes is the central figure. She is wearing a strapless, light pink gown with a gold belt and a tiara. The background is a bokeh of purple and blue lights, suggesting a night scene or a festive event.

A COROÁ

livro 5 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

S E G U I N T E



A COROA

livro 5 da série A SELEÇÃO

K I E R A C A S S

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Para Guyden e Zuzu, os melhores personagens que já criei.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia

de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arrisarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo

dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considerarei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a

circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavalheiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me

avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esperei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não

conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre estive à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé.

— Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Trago notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet. — Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grosseiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. — Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelas tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal. Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer. Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



ENTREI NA BANHEIRA E LOGO NOTEI que não havia lavanda nem sais nem qualquer espuma de banho. Eloise era discreta e ligeira, mas não era Neena. Suspirei. Não importava; pelo menos aquele era um espaço onde eu podia enfim parar de fingir que sabia o que estava fazendo. Abracei os joelhos contra o peito, finalmente livre para chorar.

O que eu ia fazer? Ahren já não estava mais ali para me orientar, e me preocupava a ideia de que eu podia cometer um erro atrás do outro sem ele. E por que ele ainda não tinha ligado? Por que não pegou o primeiro voo para casa?

O que eu ia fazer se tirassem os tubos da garganta da minha mãe e ela não conseguisse mais respirar por conta própria? De repente me dei conta de que, embora eu jamais tivesse pensado em casamento e filhos de maneira concreta e pessoal, sempre imaginei que ela dançaria em meu casamento e faria meu primogênito dormir. E se ela não estivesse presente para fazer isso?

Como eu assumiria o lugar do meu pai? Um dia só já tinha me cansado até os ossos. Eu era incapaz de me imaginar fazendo aquilo todos os dias pelas semanas seguintes, muito menos pelos anos que eu teria pela frente quando assumisse o trono.

E como eu escolheria um marido? Quem era a melhor opção? Quem teria mais aprovação do público? Aliás, essa pergunta era justa? Era a pergunta

certa a fazer nesse caso?

Sequei os olhos com a palma da mão como uma criança e desejei voltar a um tempo feliz em que eu ignorava a quantidade de coisas ruins que podiam acontecer num único dia.

Eu tinha poder e nenhuma ideia de como usá-lo. Era uma governante que não sabia liderar. Uma gêmea sem meu irmão. Uma filha de pais ausentes. Tinha meia dúzia de pretendentes e não sabia direito como me apaixonar.

A tensão que comprimia meu peito era suficiente para sufocar qualquer um. Esfreguei o peito dolorido, me perguntando se o problema de minha mãe tinha começado dessa maneira. Me sentei ereta, espirrando água e tentando bloquear essa ideia.

Você está bem. Ela está bem. Você só precisa seguir em frente.

Me vesti e estava quase pronta para dormir quando ouvi uma batida tímida na porta.

— Eady? — alguém chamou.

— Osten?

Ele espiou pela porta, com Kaden logo atrás. Corri até eles.

— Vocês estão bem?

— Estamos — Kaden garantiu. — Não estamos com medo nem nada do tipo.

— Nem um pouco — Osten acrescentou.

— Mas não ouvimos nenhuma notícia da mamãe e pensamos que talvez você soubesse de alguma coisa.

Dei um tapa na cabeça.

— Desculpem. Eu devia ter contado logo o que está acontecendo.

Fiquei muito irritada comigo mesma por ter acabado de passar vinte minutos na banheira em vez de usar esse tempo para encontrar meus irmãos.

— Ela está se recuperando — comecei, tentando escolher as palavras com cuidado. — Está sedada para poder sarar. Vocês conhecem a mamãe. Se estivesse acordada, ia querer correr atrás de nós para garantir que estivéssemos cumprindo nossas obrigações. Desse jeito, ela vai descansar o suficiente para estar saudável quando despertar.

— Ah — Osten ergueu os ombros, e percebi como aquilo tudo, por mais que me abalasse, era muito mais difícil para eles.

— E o Ahren? — Kaden perguntou, roendo a unha, coisa que nunca o vira fazer.

— Nenhuma palavra ainda, mas tenho certeza de que é porque ele ainda

está se adaptando. Afinal, é um homem casado agora.

A expressão de Kaden demonstrava sua insatisfação com a resposta.

— Você acha que ele vai voltar?

Respirei fundo.

— Não vamos nos preocupar com isso agora. Tenho certeza de que ele vai ligar logo e nos contar tudo. Por ora, tudo o que vocês precisam saber é que nosso irmão está feliz, que a mamãe vai ficar boa e que eu tenho tudo sob controle. Certo?

Os dois sorriram.

— Certo.

A expressão de Osten mudou de perfeitamente calma para completamente desesperada em segundos, e os lábios dele começaram a tremer.

— É culpa minha, não é?

— O que é culpa sua? — eu quis saber, já ajoelhada diante dele.

— A mamãe. É culpa minha. Ela sempre me dizia para ser um pouco mais comportado e depois passava a mão no cabelo como se estivesse exausta. É culpa minha. Eu deixei ela cansada demais.

— Pelo menos você não a incomodava tanto com coisas da escola — Kaden disse baixinho. — Eu sempre perturbava a mamãe para pedir livros e professores melhores, e ficava fazendo perguntas quando ela tinha outras coisas para fazer. Eu tomava todo o tempo dela.

Então todos se sentiam culpados. Perfeito.

— Osten, não pense isso. Nunca — insisti, puxando-o num abraço. — A mamãe é uma rainha. Quando muito, você é a parte menos estressante da vida dela. Sim, é difícil ser mãe, mas ela sempre podia vir correndo para nós se precisasse rir um pouco. E quem é o mais engraçado de nós quatro?

— Eu — a voz de Osten saiu fraca, mas ele chegou a sorrir um pouco enquanto esfregava o nariz.

— Exato. E Kaden, você acha que a mamãe prefere que você faça vinte perguntas a ela ou que continue vivendo com as respostas erradas?

Ele mordeu a unha um pouco mais enquanto pensava na resposta.

— Ela prefere que eu faça perguntas.

— Viu só? E vamos ser sinceros: somos uma turma bem complicada, né? — Osten riu e o rosto de Kaden se iluminou. — Mas não importa o que a fazíamos passar, ela aceitava de bom grado. Ela com certeza preferia me forçar a aprender caligrafia do que nunca ter tido uma filha. Ela preferia ser a sua enciclopédia ambulante do que não estar próxima de nós. Ela preferia

implorar para você ficar quieto do que ter tido apenas três filhos. Nada disso é culpa nossa — garanti.

Esperei os dois me darem as costas e saírem correndo, para tentar superar o fato de que tinham exposto essa minúscula rachadura na armadura deles. Mas eles não se moveram. Suspirei, ciente do que queriam e disposta a perder um pouco do meu tão necessário sono por causa deles.

— Vocês querem dormir aqui?

Osten voou para a minha cama.

— Sim!

Balancei a cabeça. O que eu ia fazer com aqueles garotos? Me arrastei para a cama. Kaden apoiou o corpo contra minhas costas enquanto Osten descansava a cabeça no travesseiro do outro lado. Reparei que a luz do banheiro estava acesa, mas deixei. Precisávamos de um pouco de luz no momento.

— Não é o mesmo sem o Ahren — Kaden disse baixinho.

Osten chegou mais perto, se aconchegando.

— É. Não é normal. Falta alguma coisa.

— Eu sei. Mas não se preocupem. Vamos achar um novo normal. Vocês vão ver.

De algum jeito, por eles, eu faria isso acontecer.



— BOM DIA, ALTEZA.

— Bom dia — respondi ao mordomo. — Café forte, por favor, e o que o chef tiver preparado para a Elite está bom para mim.

— Claro.

Ele voltou com panquecas de mirtilo, linguiça e um ovo cozido cortado ao meio. Comi devagar enquanto corria os olhos pelos jornais. Havia notícias sobre o mau tempo numa seção e um pouco de especulação sobre com quem eu me casaria em outra, mas no geral a nação inteira parecia ter perdido a vontade de fazer qualquer coisa além de se preocupar com a minha mãe. Ainda bem. Depois da carta de Ahren, eu estava convicta de que o país se revoltaria quando eu fosse nomeada regente. Parte de mim ainda estava preocupada com a possibilidade de eu ser massacrada pelo ódio do povo ao menor indício de fracasso.

— Bom dia hoje! — alguém saudou. Não *alguém*. Eu reconheceria o cumprimento de Henri mesmo debaixo d'água.

Levantei a cabeça para sorrir e acenar para ele e para Erik. Eu meio que adorava o fato de Henri ser impermeável à tristeza que pairava sobre o palácio. E Erik parecia a âncora que o trazia de volta para a terra, com calma e delicadeza, independente do que acontecesse ao redor dele.

Osten e Kaden entraram com Kile, um ao lado do outro. Kile tentava fazer

meus irmãos rirem — dava para notar pelos gestos —, enquanto os dois, por sua vez, davam sorrisinhos pouco entusiasmados. Ean apareceu com Hale e Fox. Foi uma surpresa agradável vê-lo finalmente interagir com outros pretendentes. Gunner seguia-os como que abandonado. Eu decidira mantê-lo na Elite porque não conseguia esquecer do quanto o seu poema tinha me feito rir. Mas, fora isso, eu mal o conhecia. Precisava me esforçar mais com ele, com todos.

Meus irmãos sentaram nos lugares de sempre, mais quietos do que o habitual. O vazio da mesa da nossa família me causava uma pontada de dor. Esse tipo de tristeza, silenciosa e solitária, é capaz de tomar conta tão rápido que às vezes nem notamos. Dava para ver que ela se abatia sobre meus irmãos naquele momento, pela maneira como estavam de cabeça baixa sem nem se dar conta.

— Osten?

Meu irmão levantou o olhar para mim, e notei os olhos da Elite sobre nós.

— Você lembra — prossegui — daquela vez que a mãe fez panqueca para a gente?

Kaden começou a rir e virou para os outros para contar a história.

— Ela costumava cozinhar bastante quando era jovem e, de vez em quando, fazia comida para nós, só por diversão. A última vez que tentou foi há uns quatro anos, talvez.

Abri um sorriso e complementei:

— Ela sabia que estava enferrujada, mas queria fazer panquecas de mirtilo. O problema era que ela queria formar estrelas, flores e carinhas com os mirtilos. Mas deixou a massa tanto tempo na frigideira para aquecer as frutinhas que, na hora de virar, estava tudo queimado.

Osten riu.

— Eu lembro, sim! Das panquecas crocantes!

Ouvi risadas da Elite.

— Mas você foi tão chata naquele dia. Não quis provar nenhuma! — Kaden acusou.

Confirmei com a cabeça, envergonhada.

— Foi instinto de sobrevivência.

— Elas estavam bem gostosas, na verdade. Duras, mas boas — Osten deu uma mordida numa das panquecas de seu prato. — Estas são fracas perto delas.

Ouvi uma risada alta e vi Fox sacudindo a cabeça.

— Meu pai é um péssimo cozinheiro também — falou, projetando a voz.
— Fazemos bastante churrasco e ele sempre diz que deixa tudo “bem tostadinho” — completou, pondo aspas nas duas últimas palavras com os dedos.

— Mas na verdade fica tudo queimado, né? — Gunner perguntou.

— Exatamente.

— Tem um prato... — Erik começou, tímido. Fiquei surpresa de vê-lo querer participar da conversa. Quando dei por mim, já estava debruçada sobre a mesa, concentrada. — ... que meu pai e minha mãe costumam fazer um para o outro e é frito. Na última vez que meu pai foi fazer, saiu da cozinha e deixou a comida no fogo. Foi tanta fumaceira que os dois tiveram que mudar de quarto por dois dias enquanto arejavam a casa.

— Vocês têm quarto de hóspedes? — Kile quis saber.

Erik negou com a cabeça.

— Não. Então a sala virou meu quarto. O que era ótimo quando minha mãe acordava às seis e resolvia fazer faxina.

Gunner concordou entre risos.

— Por que os pais sempre fazem isso? E sempre naquele único dia que você pode dormir até mais tarde.

Apertei os olhos, confusa.

— Mas vocês não podem simplesmente pedir para eles não fazerem isso?

Fox riu alto.

— Talvez a senhorita possa, Alteza.

Eu tinha plena consciência de que aquilo tinha sido uma provocação, mas também sabia que era tudo brincadeira.

Hale entrou no papo:

— Por falar nisso, mais alguém aqui está preocupado em perder e não conseguir se acostumar quando voltar para a casa, depois de ter vivido deste jeito? — ele perguntou, apontando a mesa e a sala.

— Eu não — Kile respondeu na lata, e todos os garotos explodiram numa gargalhada.

A sala de jantar se encheu de conversas e de histórias, cada uma trazendo uma nova lembrança de alguém. O papo ficou tão alto e as gargalhadas tão estrondosas que ninguém notou a criada solitária que passou pelo meio da sala. Ela fez uma reverência e aproximou o rosto do meu.

— Sua mãe acordou.

Uma enxurrada de emoções tomou conta de mim, uma dúzia de

sentimentos, todos praticamente indistinguíveis a não ser pela sensação comum de alegria.

— Obrigada! — Saí da sala em disparada, receosa demais para esperar Kaden e Osten.

Voei pelo corredor e invadi a ala hospitalar. Só me detive ao chegar ao quarto onde ela estava, para me preparar. Enquanto abria a porta bem devagar, ouvi o som do monitor cardíaco, ainda registrando cada batimento, e percebi que o ritmo acelerou ligeiramente quando nossos olhos se encontraram.

— Mãe? — sussurrei.

Meu pai olhou por cima do ombro, sorrindo, embora seus olhos estivessem vermelhos e marejados.

— Eadlyn — minha mãe sussurrou ao estender a mão.

Fui até ela. As lágrimas embaçavam tanto a minha visão que mal conseguia distinguir minha mãe.

— Oi, mãe. Como você está?

Enlacei os dedos nos dela, tentando não apertar muito.

— Sinto um pouco de dor — ela disse, o que significava que devia doer pra caramba.

— Bom, vá com calma na recuperação, certo? Nada de pressa.

— Como você está?

Endireitei o corpo na esperança de convencê-la.

— Tudo sob controle, e Kaden e Osten estão ótimos. Tenho certeza de que já estão vindo. E tenho um encontro hoje à noite.

— Muito bom, Eady — meu pai interveio, radiante, e em seguida se voltou para ela de novo. — Viu, querida? Nem precisam de mim lá fora. Posso ficar aqui com você.

— E Ahren? — minha mãe perguntou, respirando fundo.

Fiquei arrasada. Assim que abri a boca para dizer que não tínhamos notícias dele, meu pai falou:

— Ele ligou hoje de manhã.

Fiquei pasma.

— Ah é?

— Ele quer vir logo, mas disse que houve umas complicações, e se enrolou um pouco para explicar. Pediu para dizer que te ama.

Por um momento esperei que aquelas palavras fossem para mim, mas meu pai falava diretamente para minha mãe.

— Quero meu filho aqui — minha mãe disse com a voz fraca.

— Eu sei, querida. Só mais um pouco — meu pai consolou, acariciando a mão dela.

— Mamãe?

Osten entrou no quarto, e dava para ver em seu rosto que ele mal conseguia conter a empolgação. Kaden segurava as lágrimas e se mantinha de cabeça erguida, como se chorar fosse algo muito inferior para ele.

— Oi, queridos — minha mãe falou, fazendo força para abrir um sorriso largo para os dois. Quando Osten se inclinou para abraçá-la, ela fez uma cara de dor, mas não deixou escapar nem um barulhinho sequer.

— A gente se comportou muito bem — ele garantiu.

Minha mãe sorriu.

— Pois podem parar já com isso.

Demos risada.

— Oi, mãe — Kaden cumprimentou antes de dar um beijo na bochecha dela, ainda com medo de tocá-la.

Minha mãe ergueu a mão para segurar o rosto dele. Parecia ficar mais forte a cada segundo simplesmente por nos ver ali. Comecei a imaginar o que ela faria se Ahren estivesse junto. Pularia da cama?

— Quero que saibam que estou bem — ela falou. Seu peito arfava intensamente, mas o sorriso não vacilava. — Acho que posso subir amanhã.

Meu pai concordou ligeiramente com a cabeça.

— Se não houver incidentes até o fim do dia, sua mãe pode se recuperar no quarto dela.

— Que ótimo — Kaden comentou, mais animado depois da notícia. — Então você está a meio caminho de voltar ao normal.

Eu não queria acabar com a esperança dele nem de Osten. Kaden costumava ser muito esperto, sempre percebendo a verdade por trás de qualquer dissimulação, mas não havia como negar que ele desejava muito que aquelas palavras fossem verdade.

— Exatamente — minha mãe concordou.

— Muito bem, pessoal — meu pai disse. — Agora que já viram a mamãe, quero que voltem para os estudos. Ainda temos um país para governar.

— Eadlyn nos deu folga hoje — Osten protestou.

Sorri, culpada. Sair da cama pela manhã tinha sido minha única ordem. Eles precisavam se divertir.

Minha mãe soltou um riso fraco mas gostoso de ouvir.

— Que rainha generosa.

— Ainda não sou rainha — protestei, grata pelo fato de a rainha de verdade estar viva, falando e sorrindo.

— Não importa — meu pai disse. — Sua mãe precisa descansar. Vocês podem vê-la de novo antes de dormir.

A ideia amoleceu os garotos, que saíram acenando para nossa mãe.

Beije a testa dela.

— Eu te amo.

— Minha menina — ela disse, tocando meu cabelo com seus dedos frágeis. — Também te amo.

Aquelas palavras foram o primeiro marco do meu dia, e eu seria capaz de chegar até o fim dele sabendo que Kile Woodwork seria o último.

Ao sair da ala hospitalar, encontrei outra Woodwork.

— Madame Marlee? — chamei.

Ela levantou os olhos do banco onde estava sentada, torcendo um lençinho; o rosto vermelho de tanto chorar.

— Está tudo bem?

Ela sorriu.

— Mais do que bem. Tinha tanto medo de ela não voltar, e... para ser sincera não sei o que faria sem ela. Estar aqui com a sua mãe é a minha vida.

Sentei e dei um abraço na amiga mais querida da minha mãe, e ela me apertou como se eu fosse sua filha. Parte de mim estava triste, porque eu sabia que ela não estava sendo dramática. As cicatrizes em suas mãos revelavam sua longa trajetória: de competidora valorosa a traidora maldita, e então a dama fiel. Quando ela conversava com a minha mãe sobre o passado, alguns detalhes não ficavam claros, mas nunca insisti porque não era da minha conta. Às vezes, porém, eu ficava preocupada que madame Marlee ainda sentisse que o perdão dos meus pais devia ser pago com a total devoção dela e do marido.

— Disseram que você e seus irmãos tinham vindo visitá-la. Queria vê-la também, mas não quero interromper o tempo de vocês.

— Mas você não viu os garotos saírem? Já terminamos. Vá logo antes que ela volte a dormir. Sei que ela ia gostar de te ver.

Ela secou as bochechas de novo.

— Como estou?

Comecei a rir.

— Definitivamente abatida — eu disse, apertando o braço dela. — Entre.

Será que você conseguiria vir aqui e ver como os dois estão de vez em quando? Sei que não vou conseguir descer o tanto que gostaria.

— Não se preocupe. Vou mandar notícias sempre que puder.

— Obrigada, madame Marlee.

Depois de um último abraço, ela entrou na ala hospitalar. Soltei um suspiro na tentativa de desfrutar daquele breve momento de calma. Pelo menos por enquanto, tudo estava no caminho certo.



KILE PÔS A MÃO NA MINHA CINTURA e me conduziu pelo jardim. A lua estava baixa e cheia, projetando sombras apesar da noite.

— Você foi espetacular hoje de manhã — ele disse, balançando a cabeça.
— Estávamos todos preocupados com a sua mãe, e é muito estranho não ter Ahren por perto. E Kaden? Nunca vi o garoto tão... aturdido.

— É péssimo. E ele geralmente é o mais equilibrado.

— Não se preocupe demais. Faz sentido que ele esteja abalado agora.

Me aproximei ainda mais de Kile.

— Eu sei. Só é difícil ver isso acontecer com alguém que em geral não se abala.

— Por isso o café da manhã foi ótimo. Eu achava que ia ser uma refeição triste e que não daria para conversar sobre o que estava acontecendo, nem sobre qualquer outra coisa, aliás. Foi incrível. Não se esqueça dessa sua habilidade — ele disse, com o dedo apontado para mim.

— Que habilidade? Distração? — questionei, rindo.

— Não — ele respondeu, procurando as palavras. — Está mais para a capacidade de deixar a situação mais leve. Quer dizer, você já fez isso antes. Nas festas ou no *Jornal Oficial*. Você muda o clima. Nem todo mundo é capaz disso.

Caminhamos até a beira do jardim, onde o terreno se abria num espaço

enorme e plano antes de a floresta começar.

— Obrigada. Isso significa muito para mim. Estava preocupada.

— Não há nada de errado em se preocupar.

— É mais do que a situação da minha mãe — comecei, mas logo parei. Pus as mãos no quadril, pensando em quanto eu deveria dividir com ele. — Ahren me deixou uma carta. Você sabia que o povo está insatisfeito com a monarquia? Comigo, especificamente. E agora basicamente estou no comando e, para ser sincera, não sei se vão me apoiar. Já jogaram comida em mim uma vez. Li tantos artigos horríveis a meu respeito... E se quiserem se livrar de mim?

— E se quiserem? — Kile brincou. — Opções não faltam. Podíamos virar uma ditadura, aí o povo entraria na linha. Uma república federativa, monarquia constitucional... Ah, teocracia, talvez! Podíamos entregar tudo nas mãos da igreja.

— Kile, estou falando sério! E se me depuserem?

Ele tomou meu rosto nas mãos e assegurou:

— Eadlyn, isso não vai acontecer.

— Mas já aconteceu antes! Foi assim que meus avós morreram. Entraram na casa deles e mataram os dois. E todo mundo idolatrava minha vó! — Já sentia meus olhos marejarem. Argh, como eu estava chorona naqueles últimos dias! Sequei as lágrimas, esbarrando nos dedos dele.

— Me escute. Aquilo foi coisa de um grupo radical. O movimento se desfez, e o povo lá fora está ocupado demais vivendo a própria vida para perder tempo atrapalhando a sua.

— Não posso apostar minhas fichas nisso — murmurei. — Sempre tive certeza de algumas coisas, e quase todas desmoronaram nas últimas semanas.

— Você... — Ele fez uma pausa, olhando bem nos meus olhos. — Você está precisando parar de pensar um pouco?

Engoli em seco enquanto processava a proposta. Nós dois ali, a sós naquela noite escura e silenciosa... Lembrava muito a noite do nosso primeiro beijo. Só que dessa vez ninguém nos observava, ninguém ia estampar nossa foto nos jornais. Nossos pais estavam longe, e nenhum guarda seguia nossos passos. Para mim, isso queria dizer que, por apenas um momento, não havia nada que me impedisse de ter o que queria.

— Eu faria qualquer coisa que você me pedisse, Eadlyn — ele sussurrou. Balancei a cabeça.

— Mas não posso pedir.

Ele apertou os olhos, confuso.

— Por que não? O que eu fiz de errado?

— Não, seu idiota — repliquei, me afastando. — Pelo jeito... — Bufe. — Pelo jeito você fez alguma coisa certa. Não posso beijar você como se não fosse nada, porque não é como se você não significasse nada.

Olhei para o chão, ficando cada vez mais irritada.

— É tudo culpa sua, aliás! — acusei, lançando um olhar fulminante para Kile enquanto andava de um lado para o outro. — Eu estava muito bem sem gostar de você. Estava muito bem sem gostar de ninguém.

Antes de continuar, cobri o rosto com as mãos.

— E agora estou no meio desse furacão e tão perdida que nem consigo pensar direito. Sinto algo por você e não sei o que fazer com isso. — Quando juntei coragem suficiente para olhar para ele de novo, encontrei um sorriso malicioso. — Pelo amor de Deus, não faça essa cara de convencido.

— Desculpe — ele disse, ainda sorrindo.

— Você faz ideia de como é assustador dizer tudo isso?

Ele chegou mais perto.

— Quase tão assustador quanto ouvir tudo isso.

— Estou falando sério, Kile.

— Eu também! Em primeiro lugar, é estranho pensar no que tudo isso quer dizer. Porque você vem com um título e um trono e uma vida inteira planejada pela frente. Pra mim é insano tentar digerir isso. Em segundo lugar, mais do que qualquer outra pessoa aqui, sei que você esconde o jogo. Uma confissão como essa deve ter sido *dolorosa*.

Concordei com a cabeça.

— Não é que eu esteja com raiva de gostar de você... mas meio que estou.

Ele riu.

— É compreensível.

— Mas preciso saber, agora, antes de darmos qualquer outro passo: você sente alguma coisa parecida por mim? Uma faísca minúscula que seja? Porque, do contrário, vou ter que fazer alguns planos.

— E se eu sentir?

Levantei os braços e os deixei cair novamente.

— Ainda vou ter que fazer planos, mas diferentes.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Eu também sinto algo por você. E não teria me dado conta disso se não fosse pelos projetos que fiz ultimamente.

— Hum... Era pra ser romântico?

Ele riu.

— Não, de verdade, até que é. Geralmente eu me empolgo com projetos de arranha-céus e abrigos para moradores de rua, coisas que vão ficar na memória ou que podem ajudar as pessoas. Mas outro dia me peguei projetando uma casa de verão para você, uma versão em miniatura de um palácio ou talvez uma casa num vinhedo. Hoje de manhã tive a ideia de uma casa de praia.

Fiquei boquiaberta.

— Eu sempre quis uma casa de praia!

— Não que daria pra gente usar se você governasse o mundo e tudo mais.

— É uma ideia fofa mesmo assim.

Ele deu de ombros.

— Parece que nos últimos tempos tudo o que eu quero fazer é para você.

— Isso quer dizer muito. Sei o quanto seu trabalho é importante para você.

— Não é bem meu trabalho. É só uma coisa que eu gosto.

— Pois bem, então. E se, por enquanto, a gente encarasse nosso relacionamento desse mesmo jeito? A gente gosta um do outro, sabe disso, e agora vamos ver o que acontece.

— Justo. Não quero te desencorajar de jeito nenhum, mas acho que é cedo demais para chamar isso de amor.

— Com certeza! — concordei. — Cedo demais para uma coisa tão grande.

— Tão complicada.

— Tão assustadora.

Ele riu.

— No mesmo nível de perder o trono?

— Dá pelo menos empate!

— Certo. Tudo bem, então — ele disse sem deixar de sorrir, talvez também pensando em como era improvável gostarmos um do outro. — E agora?

— Eu continuo com a Seleção, acho. Não quero te magoar, mas preciso seguir em frente. Preciso ter certeza.

Ele concordou.

— Eu não ia querer se você não tivesse.

— Obrigada, senhor.

Permanecemos ali, parados, ouvindo apenas o vento na grama.

Ele limpou a garganta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Coroa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).